

O jeitinho carioca de protestar

Ânimos exaltados, vaias e confusões são reações comuns nas visitas presidenciais ao Rio. Considerada historicamente um centro de oposição ao governo, a cidade tem sido palco de manifestações contra presidentes da República. Algumas delas nos limites naturais do protesto democrático: vaias, cartazes e — algumas vezes — tomates e pedras. Outras, no entanto, descando para um cenário de baderna. Foi o que aconteceu com a “picaretada” no ônibus em que viajava o ex-presidente Sarney. A contrapartida também é verdadeira: a polícia



baixa a borracha. Aqui e em qualquer lugar do mundo. O risco é o excesso do manifestante e o grau de violência da polícia. Fora daí, Bill Clinton (nos Estados Unidos), Mitterrand (na França) e a própria rainha Elizabeth, na Inglaterra, já viveram estes dissabores.

No Rio, o caso mais rumoroso foi a passagem do Presidente José Sarney em junho de 1987. Revoltados com os rumos da economia pós-Plano Cruzado, manifestantes lançaram pedras contra o ônibus da comitiva presidencial e um dos manifestantes chegou a quebrar a janela próxima ao banco de Sarney com uma picareta.

Fernando Collor de Mello

também foi hostilizado. No calor das discussões sobre o *impeachment*, 50 manifestantes promoveram um *panelaço* no Palácio Laranjeiras em 1992 — experiência semelhante a enfrentada por João Figueiredo na Quinta da Boa Vista em 1981, Getúlio Vargas, no Jôquei Clube Brasileiro.

No início do século, Campos Salles foi vaiado e saudado com panos pretos nas janelas ao deixar o Palácio do Catete rumo a São Paulo. Até na época do Império, D. Pedro I e D. Pedro II sentiram de perto as reações populares. O pai assistiu a célebre “noite das garrafadas”. O filho escapou de um tiro na porta de um teatro, na crise que precedeu a Proclamação da República.